**26ª EDIÇÃO DO RELATÓRIO *AFRICA´S PULSE* DO BANCO MUNDIAL**

*MENSAGENS CHAVE*

* **O crescimento económico na África Subsaariana (AS) deverá desacelerar de 4,1% em 2021 para 3,3% em 2022**, como resultado de um abrandamento do crescimento global, do aumento da inflação exacerbado pela guerra na Ucrânia, das condições meteorológicas adversas, do aperto das condições financeiras globais, e do risco crescente de angústia da dívida.
* **Estas tendências comprometem a redução da pobreza**, já retardada pelo impacto da pandemia da COVID-19.
* Entre as três maiores economias da região subsariana, **o crescimento é moderado na Nigéria e na África do Sul, enquanto a economia angolana ganha com os preços elevados do petróleo**, um aumento da produção petrolífera, e um bom desempenho do sector não petrolífero.
* **Prevê-se que o crescimento na África subsariana recupere para 3,5% em 2023 e 3,9% em 2024**.
* Excluindo a África do Sul e Angola, prevê-se que a **sub-região da África Oriental e Austral cresça para 4,5% no próximo ano e 5,0% em 2024**.
* Excluindo a Nigéria, **a sub-região da África Ocidental e Central deverá crescer a 5,0% em 2023 (acima dos 4,2%), e o crescimento será firme em 2024 (5,6%)**. Os países da UEMOA deverão recuperar em 2023 do abrandamento em 2022 (4,9%), até 6,4%, e firmar-se ainda mais em 2024 a 7,0%.
* O conflito Rússia-Ucrânia acelerou uma inflação já em alta na região. **O aumento da inflação está a pesar sobre a actividade económica na ASS**, deprimindo tanto os investimentos empresariais como o consumo doméstico. **Em Julho de 2022, 29 dos 33 países da ASS com informação disponível tinham taxas de inflação superiores a 5%, enquanto 17 países tinham uma inflação de dois dígitos**.
* **A inflação funciona como um imposto regressivo, afectando de forma desproporcionada os pobres. Na ASS, a elevada repercussão dos preços dos alimentos e dos combustíveis nos preços ao consumidor fez com que a inflação subisse a níveis recorde em muitos países**, ultrapassando o limite máximo dos objectivos dos bancos centrais na maioria dos países que os têm. A grande maioria da população da África Subsaariana é afectada por estes preços elevados dos alimentos, uma vez que afectam mais de 40% da despesa total em alimentos.
* **Estes desafios económicos surgem numa altura em que a capacidade dos países para apoiar o crescimento e proteger as famílias pobres é severamente limitada**. **O espaço fiscal está quase esgotado em alguns países da ASS**, principalmente devido aos elevados níveis de endividamento, aos crescentes custos dos empréstimos, e ao esgotamento da poupança pública. O défice fiscal da região expandiu-se durante a pandemia para 5,6% do PIB em 2020 (de 3,0% do PIB em 2019). Em 2022, o défice ascende a 4,8% do PIB, devido aos esforços de consolidação.
* **Prevê-se que a dívida se mantenha elevada em 59,5% do PIB em 2022 na AS. Oito dos 38 países elegíveis para a AID na região estão em dificuldades de endividamento, e 14 estão em alto risco de se juntarem a eles.** Os governos africanos gastaram 16,5% das suas receitas a servir a dívida externa em 2021, contra menos de 5% em 2010.
* **Para proteger os ganhos de desenvolvimento na região, os países devem dar prioridade à protecção das famílias mais pobres, mantendo ao mesmo tempo a estabilidade macroeconómica**. Isto requer a implementação de políticas monetárias, fiscais e de dívida coerentes para reduzir a inflação e gerar espaço fiscal. A incapacidade de domar as pressões inflacionistas poderia levar à agitação social, intensificar os conflitos e, em última análise, incendiar a instabilidade política.
* Os preços elevados dos alimentos estão a causar dificuldades com graves consequências numa das regiões mais inseguras do mundo em termos alimentares. A fome aumentou acentuadamente na África Subsaariana nos últimos anos, devido a perdas de rendimentos e rupturas na cadeia de abastecimento causadas pela pandemia, conflito regional e global, condições meteorológicas extremas, e infestação por gafanhotos. **Mais de uma em cada cinco pessoas em África enfrenta a fome - mais do dobro da proporção de qualquer outra região**.
* **A insegurança alimentar aguda (IPC Fase 3 ou superior) também está a aumentar: em 2022 havia 140 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar aguda, contra 120 milhões de pessoas em 2021**. Pelo menos 55 milhões de pessoas em todo o Corno de África são gravemente inseguras em termos alimentares, uma vez que a Etiópia, o Quénia, e a Somália sofrem a pior seca dos últimos 40 anos.
* **A menos que os responsáveis políticos africanos tomem medidas urgentes, a segurança alimentar continuará a agravar-se - com consequências devastadoras para as pessoas mais pobres e mais vulneráveis em África.** Numa época de crise e de recursos limitados, é imperativo que os governos encontrem formas de apoiar as famílias mais pobres, reorientando simultaneamente as suas despesas alimentares e agrícolas para bens públicos que produzam os melhores resultados em termos de desenvolvimento.
* **Reorientar a despesa agrícola de subsídios mal orientados para bens públicos pode produzir enormes benefícios**. Um investimento de US$1 em investigação agrícola, em média, gera um fluxo de benefícios futuros equivalentes a US$10 (em termos de valor actual líquido). Os benefícios dos investimentos em irrigação são também elevados - com retornos na RAS que vão de 17% em esquemas de grande escala a 43% para esquemas de pequena escala. A inovação científica e uma melhor gestão dos escassos recursos hídricos serão fundamentais para aumentar a produtividade face aos impactos climáticos.
* **O aprofundamento do comércio regional (sub-regional e continental) e a integração em África podem também aumentar a resistência dos sistemas alimentares aos choques internacionais.** Actualmente, o comércio inter-regional de produtos agrícolas como percentagem do comércio agrícola total de África permanece abaixo dos 20%, um dos mais baixos do mundo. As comunidades económicas regionais e a Área de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) recentemente cunhada oferecem oportunidades para reduzir as barreiras comerciais agrícolas e criar mercados regionais que podem reduzir a volatilidade dos preços internos e estimular investimentos na produção, distribuição e transporte de alimentos.

**Projecções de crescimento para as principais economias da África Oriental e Austral:**

* Na **África do Sul**, a economia abrandou para 0,2% em 2022T2, face aos 2,7% do trimestre anterior. Prevê-se que a economia cresça 1,9% este ano, uma revisão em baixa de 0,2 pontos percentuais em relação às projecções iniciais de Abril.
* A **economia angolana** é um dos maiores beneficiários de termos de troca favoráveis que se traduzem num crescimento real de 3,1% em 2022, a partir de 0,8% no ano anterior.
* O **Quénia** deverá crescer 5,0% em 2023 (contra 5,5%) e voltar a crescer até 5,3% em 2024.
* A **Etiópia** lutará para recuperar o desempenho pré-pandémico devido ao conflito prolongado na região norte, que afasta o investimento. Espera-se que o PIB real cresça constantemente de 5,3% em 2023 (de 3,5%) para 6,1% em 2024.
* **Botswana e a Zâmbia** crescerão em 2023 em 4,0% de 3,2 e 3,3%, respectivamente. Enquanto o crescimento está projectado para diminuir no Botswana (3,7%) em 2024, prevê-se que aumente para 4,2% na Zâmbia.

**Projecções de crescimento para as principais economias da África Ocidental e Central:**

* O crescimento real do PIB na **Nigéria** deverá abrandar de 3,6% em 2021 para 3,3% em 2022, uma vez que o crescimento económico no país continua a sofrer de um sector petrolífero com um desempenho inferior ao esperado.
* O **Chade** e a **República do Congo** deverão emergir de recessões de dois e sete anos em 2022 e deverão crescer 3,1 e 1,9%, respectivamente, devido a uma combinação de preços do petróleo em alta, produção estável de petróleo, e forte desempenho do sector não petrolífero.
* Espera-se que o crescimento no **Níger** salte 3,6 pontos percentuais para 5,0%, em consequência da expansão do sector agrícola após uma seca severa em 2021.
* No **Gana**, o crescimento deverá abrandar em 2022 para 3,5%, muito abaixo do desempenho médio pré-pandémico do país (7,0%) devido ao aumento da dívida pública, inflação elevada, e uma moeda em desvalorização.
* Prevê-se que o crescimento na **Costa do Marfim** salte de 5,7% em 2022 para 6,8%, antes de descer para 6,6%.
* Depois de abrandar para 4,8% em 2022, prevê-se que o crescimento no **Senegal** salte para 8,0% em 2023 e que se firme para 10,5% em 2024.
* Prevê-se que o **Gabão** continue a ter uma tendência ascendente, mas a um ritmo lento. Prevê-se que o crescimento seja de 3,0% em 2023 (contra 2,7%).
* Nos **Camarões**, a economia manterá o seu crescimento pós-pandémico estável em 2023 (4,3%) e 2024 (4,6%), impulsionado pelo investimento e pelo consumo privado.